



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6º E 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR**

STEPHANY PEREIRA LIMA

ABAETETUBA - PA

2022

STEPHANY PEREIRA LIMA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6º E 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa.

ABAETETUBA - PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732v Lima, Stephany Pereira.
 A Variação Linguística nos Livros Didáticos do 6º e 9º ano do
 Ensino Fundamental Maior / Stephany Pereira Lima. — 2022.
 31 f. : il. color.

 Orientador(a): Profª. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de
 Sousa

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

 1. Ensino Fundamental Maior. 2. Sociolinguística. 3.
 Variação Linguística. 4. Ensino Fundamental 6º e 9º ano. I.
 Título.

CDD 306.44

STEPHANY PEREIRA LIMA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6º E 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa,
da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus
Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal
do Pará, como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela do Socorro
Nogueira de Sousa.

Aprovado em: 18 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

(Assinado digitalmente em 17/01/2023 10:16)

ROSANGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CBRAG (11.11)
Matrícula: ###580#0

Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa
Presidente da Banca Examinadora

(Assinado digitalmente em 17/01/2023 12:04)

ROBSON BORGES RUA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CABAE (11.09)
Matrícula: ###054#3

Prof. Dr. Robson Borges Rua
Membro Interno da Banca Examinadora

(Assinado digitalmente em 17/01/2023 11:25)

NÁRGILA SILVA DE SOUSA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.722-##

Profa. Ma. Nárgila Silva de Sousa
Membro Externo da Banca Examinadora

Agradecimentos

Dedico o meu trabalho primeiramente a Deus, pois sem ele eu não teria chegado até aqui, ele foi a minha força e meu alicerce durante toda a minha trajetória.

Em seguida, agradeço a minha família, minha mãe Rosângela Cardoso Pereira, ao meu pai Pedro Jorge Silva Lima que são a minha base, que sempre fizeram de tudo para me proporcionar sempre o melhor e me incentivaram nessa caminhada.

Agradeço também a minha irmã Bárbara Pereira Lima que é meu espelho que sempre esteve ao meu lado me motivando e apoiando.

Agradeço ao meu amado Dhonata Sebastião Caldas Oliveira, por todo amor, paciência, carinho, compreensão e companheirismo durante todo esse tempo.

Agradeço aos meus amigos de curso que me ajudaram nessa longa caminhada e que fizeram dos meus dias na Federal serem os melhores possíveis.

Agradeço ao meu filho de quatro patas Duck que me acompanhou fielmente durante inúmeras madrugadas em que eu estava na elaboração desse trabalho.

Agradeço a minha amiga que o curso me presenteou Amanda Ferreira que me ajudou muito nessa etapa final do trabalho, muito obrigada mana sem você não teria conseguido.

Agradeço a minha orientadora Rosângela Nogueira por ter aceitado me auxiliar nesse trabalho.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram nessa caminhada.

*“Palavras são, na minha **nada** humilde opinião,
nossa inesgotável fonte de magia, capazes de
causar grandes sofrimentos e também de
remediá-los.”*

*Alvo Dumbledore - Harry Potter e as Relíquias
da Morte*

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6º E 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR

Autora: Stephany Pereira Lima

Orientadora: Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa

RESUMO

Este trabalho discorre sobre a variação linguística nos livros didáticos do 6º e 9º ano do ensino fundamental maior. Objetiva-se discutir como a variação linguística é trabalhada em dois livros didáticos. A base teórica apoia-se em Coelho et al (2010), Bagno (2007), Zilles e Faraco (2015), entre outros que investigam essa temática. Metodologicamente, corresponde a uma pesquisa documental, tendo como corpus dois livros didáticos, manuais do professor, do 6º e 9º ano do ensino fundamental maior, que fazem parte da coleção “*Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem*”, da editora Moderna, do ano de 2018. Os resultados revelam que os livros analisados fazem abordagens sucintas da variação. Os tipos de variação que recebem abordagem nos livros analisados são a variação social, regional, diamésica, estrangeirismo, a partir da abordagem de alguns gêneros textuais como charge, receita etc. Além disso, há, ainda, espaço reservado para a discussão do preconceito linguístico. Conclui-se que, o conteúdo abordado nas atividades dá condições para os docentes discutirem o tema, acenando para uma mudança na abordagem puramente metalinguística e normativa no ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livro Didático. Ensino Fundamental.

THE LINGUISTIC VARIATION IN THE 6TH AND 9TH YEARS
OF HIGHER ELEMENTARY SCHOOL BOOKS

Author: Stephany Pereira Lima

Advisor: Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa

ABSTRACT

This work discusses the linguistic variation in the textbooks of the 6th and 9th year of elementary school. The aim is to discuss how linguistic variation is treated in two textbooks. The theoretical basis is supported by Coelho et al (2010), Bagno (2007), Zilles e Faraco (2015), among others who investigate this theme. Methodologically, it corresponds to a documentary research, having as corpus two textbooks, teacher's manuals, from the 6th and 9th year of higher elementary education, which are part of the collection "*Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem*", from the publisher Moderna, from the year 2018. The results reveal that the analyzed books make succinct approaches to variation. The types of variation that are approached in the analyzed books are social, regional, diamesic variation and foreignism, from the approach of some textual genres such as charge, recipe etc. In addition, there is also a space reserved for the discussion of linguistic prejudice. It is concluded that the content covered in the activities gives conditions for teachers to discuss the topic, waving for a change in the purely metalinguistic approach and regulations in Portuguese language teaching.

Keywords: Linguistic Variation. Textbook. Elementary School.

1 INTRODUÇÃO

Uma das questões que se coloca facilmente acerca do ensino da Língua Portuguesa está associada ao privilégio dado à gramática normativa pelos professores nas aulas. Apesar disso, atualmente, alguns livros didáticos já apresentam diversificação de conteúdo para além das nomenclaturas e regras de prescrição da escrita, como a abordagem da variação linguística, por exemplo.

Santos e Mesquita (2011) afirmam que o principal problema da Língua Portuguesa é a questão de os professores ainda estarem presos ao método tradicional, que consiste somente em ensinar nomenclaturas e questões gramaticais e linguagem padrão e não-padrão. Hoje, esse método ainda é visível nas escolas, pois é considerado o mais fácil para ensinar e aprender.

Considerando os avanços nas pesquisas linguísticas e o desenvolvimento da didática das línguas, em especial com a crescente adoção da abordagem de gêneros textuais nas aulas e nos livros didáticos, surgiu o interesse por analisar a abordagem feita da variação linguística no livro didático do professor, pois, nessas obras que são destinadas aos docentes, há sugestões de como pode ser conduzido os conteúdos e os exercícios.

Metodologicamente, esta pesquisa corresponde a uma pesquisa documental, tendo como corpus dois livros didáticos, especificamente os manuais do professor, do 6º e 9º ano do ensino fundamental maior, da coleção “*Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem*”, da editora Moderna, de 2018. A partir da análise realizada nessa coleção, pode-se discutir a pertinência dos aspectos da variação linguística privilegiados nos livros didáticos em uso, principalmente no que diz respeito às variantes menos privilegiadas socialmente.

Ao longo do trabalho, busca-se responder quais aspectos da variação linguística são privilegiados nesses livros didáticos e se o manual do professor dá condições para que o docente didatize a variação linguística a partir da realidade linguística da comunidade atendida. A base teórica apoia-se em Coelho et al (2010), Bagno (2007), Zilles e Faraco (2015), entre outros que investigam a temática.

O principal objetivo é discutir como a variação linguística é trabalhada em dois livros didáticos do ensino fundamental maior a partir dos seguintes objetivos específicos, a) analisar as atividades que abordam a variação linguística nos livros didáticos; b) identificar os principais tipos de variação linguística que são tratadas nos livros didáticos; c) apontar quais abordagens da variação linguística são implementadas nos livros didáticos.

Estruturalmente, este trabalho começa pela discussão da variação linguística no ensino de língua portuguesa, percorrendo a respeito de como a variação é trabalhada nas aulas de português, com base na perspectiva de autores como Coelho et al (2010), Bagno (2007), Zilles e Faraco (2015). Posteriormente, aborda-se a variação nos livros didáticos de língua portuguesa, de forma a descrever como o conteúdo é tratado nos livros. Adiante, será discutido a respeito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a variação linguística. Em seguida, são apresentados os

recursos metodológicos utilizados, tratando-se de uma pesquisa documental. A partir disso, é feita a análise da variação linguística nos livros didáticos e as considerações finais.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Sociolinguística é a área responsável pelo estudo da língua na sociedade. Essa ciência ganhou visibilidade com o americano William Labov na década de 60, com a teoria da Variação e Mudança Linguística. De acordo com os autores Cezário e Votre (2011, p. 142),

essa abordagem baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.

Nesse sentido, a variação linguística é uma das formas como a língua se relaciona com a sociedade, por isso, não pode ser estudada de maneira isolada já que ela é um instrumento de comunicação. Assim, de acordo com Coelho et al (2010), os estudos variacionistas ocorrem a partir da relação entre aspectos internos da língua e sua relação com a identidade do falante.

Assim, do ponto de vista da descrição linguística, pode-se falar em variação lexical, variação fonológica, variação morfofonológica, morfológica e morfossintática, variação sintática e discursiva. Do ponto de vista da relação desses tipos de variação com a sociedade, pode-se falar em variação regional (também chamada de variação geográfica ou diatópica), variação social (ou diastrática), variação estilística (ou diafásica), variação na fala e na escrita (ou diamésica).

Coelho et al (2010) informa que:

Em um caso de variação, as formas variantes costumam receber valores distintos pela comunidade. (...) por enquanto vale estabelecermos a diferença entre as **variantes padrão e não padrão**. As variantes padrão são, grosso modo, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante **de prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** por essa comunidade – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser **inovadoras** na comunidade (COELHO et al, 2010, p. 27, grifos da autora)

Falar em variantes padrão, prestigiadas e conservadoras significa dizer que há um uso linguístico que é tomado como norma, enquanto as variantes não padrão, estigmatizadas e inovadoras seriam desviantes dessa norma, sendo, normalmente, chamadas de coloquial ou informal, associadas a grupos sociais menos privilegiados.

Na tradição do ensino de Língua portuguesa, a variante padrão foi mais prestigiada devido se ter como princípio apriorístico que a variante não padrão era a que os discentes traziam do ambiente familiar, aprendido nas relações cotidianas e baseada na oralidade. Para uma abordagem efetiva de língua no ensino de língua portuguesa, é importante discutir a relação

dos fatores internos e externos que fazem parte da vida dos alunos, posto que a língua, como produto cultural, tem sua manifestação intimamente relacionada com as práticas linguísticas da comunidade de fala, e julgar, do ponto de vista avaliativo, manifestações mais ou menos belas ou corretas caracteriza o que é conhecido na literatura como preconceito linguístico, uma das formas de preconceito social que se manifesta pela valorização das marcas identitárias na língua.

Os mitos descritos por Bagno (2007), que vão desde a comparação entre o português do Brasil com o de Portugal até a afirmação de que o domínio da norma culta é instrumento para ascensão social, originaram-se da história desde a colonização do Brasil, que se estendeu por longos anos até os dias atuais. Com isso, criou-se a ideia de que a língua só é bem falada e escrita se seguir as regras da gramática normativa, as quais foram objeto de ensino para o bem escrever e falar bem por muito tempo na tradição de ensino de língua materna.

Com desenvolvimento de propostas de ensino no âmbito da didática da língua e pesquisas sobre língua, em especial, os estudos sobre a variação têm se expandido ao longo dos anos. Os autores Ana Maria Stahl Zilles e Carlos Alberto Faraco (2015, p.5) alertam sobre as consequências de temas como a variação ficarem restritos à percepção do senso comum:

O senso comum tem escassa percepção da língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em contínua mudança. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança.

Para a desconstrução dessa percepção do senso comum, a escola tem o papel primordial, estabelecendo as bases de ensino da língua em uma perspectiva mais social e baseada em fatos da língua para o reconhecimento da variação como um processo natural e inerente à própria língua. A tradição de ensino, que relegou o ensino de português nas escolas ao padrão de bem escrever e, conseqüentemente, de bem falar conforme regras baseadas em certo e errado, ainda tem reflexos nas aulas de Língua Portuguesa, mesmo com todos os avanços nas pesquisas linguísticas. Zilles e Faraco (2015, p.27) afirmam que:

uma das práticas pedagógicas indispensáveis para o ensino/aprendizagem da expressão culta é precisamente despertar a consciência dos alunos para a variação linguística, a fim de que eles percebam os pontos críticos que distanciam a variedade que eles aprendam em casa das variedades cultas e possam trabalhar sistematicamente, ao longo da escolaridade básica, para dominar estas últimas.

Conforme se pode deduzir da afirmação dos autores, em vez de optar por estabelecer regras, é mister ensinar a refletir sobre a língua, reconhecendo contextos, diferenças e adequações de emprego de norma culta e demais variedades já que a linguagem usada no ambiente familiar não é a mesma em um ambiente de trabalho, pois, em casa, não estamos preocupados em fazer uso das normas gramaticais e não há o monitoramento requerido em falas formais públicas, por exemplo. Bagno (2007b), diz que:

As pessoas que vivem em sociedades com uma longa **tradição escrita**, com uma **história literária** de muitos séculos e um **sistema educacional** organizado se acostumaram a ter uma ideia de *língua* muito influenciada por todas essas instituições. Para elas, só merece o nome de língua um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram cuidadosamente selecionados para compor o que vamos chamar nesse livro aqui de *norma-padrão*, isto é, o modelo de língua “certa”, de “bem falar” que, nessas sociedades, constitui uma espécie de *tesouro nacional*, e de *patrimônio cultural* que, assim como as florestas, os rios, a flora, a fauna e os monumentos arquitetônicos, precisa ser preservado da ruína e da extinção (BAGNO, 2007b, p.35, grifo do autor).

Deste modo, deve-se refletir sobre as formas de lidar com a tradição escrita em face da tradição oral, respeitando sempre os modos de realização e não estabelecendo entre eles uma relação de correspondência em que a fala deve, indistintamente, refletir a escrita formal culta como indício de boa escolaridade ou status intelectuais.

3 BNCC E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As obras utilizadas para essa pesquisa são da coleção “*Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem*” da editora Moderna. No sumário do livro dos professores encontra-se uma seção inteira apresentando a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), essa introdução inicia mostrando o documento e discorre até as suas competências e habilidades. A BNCC afirma em seu documento no âmbito de Língua Portuguesa, que se faz necessário despertar o senso crítico dos alunos, trabalhando com texto relacionando com vários gêneros, tanto na escrita quanto na oralidade. Para isso, utilizando diversos recursos digitais e visuais não usar somente o livro didático como o único recurso.

De acordo com o documento, no Ensino Fundamental, os estudantes têm que obter os conhecimentos a respeito das estruturas sintáticas, semânticas, lexicais, ortografia, a relação entre letra e som, gêneros textuais e discursivos, aprender a respeito da Sociolinguística e suas semioses. Além disso, o documento aborda também a questão da diversidade cultural, valorizando as variações da língua falada no Brasil, como forma de evitar o preconceito linguístico. Segundo a BNCC, é dever da escola formar pessoas com opiniões próprias e que saiba utilizar a linguagem para expor e defender suas ideias.

Além disso, precisam conhecer sobre as mudanças linguísticas e as variações linguísticas, pois, desde criança, é indispensável saber valorizar e respeitar a sua cultura, sua língua, para evitar o preconceito social e linguístico. Para que tudo isso seja efetivado, foram criados cinco campos de atuação divididos em anos iniciais e anos finais: Campo da vida cotidiana exclusivo dos anos iniciais, Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico-midiático e Campo de atuação na vida pública.

Pode-se perceber que os lecionandos precisam conhecer a origem da sua cultura para poder saber como fazer o uso das diferentes linguagens, praticando, assim, a inclusão social e

evitando os diversos preconceitos que existem no âmbito em que vivem. Para que possa existir essa inclusão e evitar esses preconceitos, é necessário entender que os estudos sobre a língua vão muito além da gramática tradicional ou normativa, pois existem diversas ramificações que a compõe, não somente a gramática e suas normas.

A BNCC afirma que tem o intuito de formar indivíduos críticos, que conheçam realmente a sua língua e que a defenda por meio de argumentos empíricos baseados nos conhecimentos que obtiveram desde a infância até chegar na fase adulta, além de crescerem e formarem uma sociedade livre de preconceitos sociais e linguísticos.

4 METODOLOGIA

Os livros didáticos surgem como uma opção de planejamento do docente e, como tal, devem dar condições para que a abordagem de temas como a variação linguística seja feita de modo a atender as necessidades linguísticas dos alunos. É possível notar mudanças significativas nesses manuais a partir das abordagens textuais e do foco em habilidades de leitura e escrita, mas é importante perguntar se os avanços ainda privilegiam o estudo dos assuntos sob o ponto de vista do prestígio da norma culta ou dão conta de uma abordagem da variação que permita refletir sobre os fatos da língua como fatos sociais.

Nesse tópico, apresento o *corpus* formado pelos exemplares dos professores dos livros didáticos do 6º e 9º ano do ensino fundamental maior de Língua Portuguesa. Esses livros compõem, a coleção “*Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem*”, publicada pela editora Moderna, sob a autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018). Discorro, ainda, sobre os parâmetros que pautaram o mapeamento dos livros, sobre os procedimentos e sobre as categorias adotados para a análise dos manuais.

4.1 Mapeamento

Para conseguir alcançar o objetivo proposto, discutir o tratamento da variação linguística em livros didáticos do ensino fundamental maior, foram traçados alguns processos. No primeiro momento, foi realizado o mapeamento dos livros didáticos, identificando o nome dos autores e da coleção, o ano de publicação tempo de permanência nas escolas. O critério para a escolha da coleção foi a adoção nas escolas de Abaetetuba assim como a atualidade da obra em relação à BNCC.

As obras que servem de corpus a esta pesquisa foram distribuídas nas escolas em 2020 e a sua permanência está prevista para até 2023. Optou-se por analisar o manual docente porque neles é possível visualizar propostas de como os docentes podem conduzir suas aulas de acordo com cada conteúdo, além das possibilidades de respostas às atividades e comentários adicionais.

Identificada a coleção em uso, procedeu-se uma breve leitura semiótica da capa, considerando que a capa é a primeira visão que o discente tem do livro, o que pode ou não gerar alguma identificação com o que está presente nas capas. Depois disso, passou-se à observação do sumário a fim de ter uma visão geral da organização desses livros. Notou-se, então, que a

abordagem do tema em tela ocorria nos volumes destinados ao 6º e ao 9º ano.

4.2 Os Livros Didáticos: a capa e o sumário

As capas dos livros apresentam uma cena de leitura, no do 6º ano, e de uma caminhada, no do 9º ano, atrás dos estudantes, uma série de recortes de lugares e monumentos. As figuras das obras estão a seguir.

Figura 1 – Capa do Manual do Professor dos livros do 6º e do 9º ano em a) e b)



Fonte: Manual do professor, livro do 6º e 9º ano.

A capa do livro do 6º ano mostra três crianças que estão lendo, sentadas na praia, sugerindo que elas visitaram dois principais pontos turísticos na Bahia através da leitura, que são o Elevador Lacerda e o Farol da Barra, que ficam na cidade de Salvador, com isso, indicando que em qualquer lugar, pode-se ampliar seus conhecimentos e também fazer uma boa leitura, usando o livro ou fazendo uso das tecnologias, como o tablet. Já na capa do livro do 9º ano, há dois adolescentes com mochilas saindo do museu de arte Assis Chateaubriand, um dos pontos turísticos na cidade de São Paulo, e indo em direção a outro ponto turístico, que é o Arcos da Lapa, por onde os bondes circulavam, no Rio de Janeiro, um dos bondes famosos na cidade é o Bondinho Santa Tereza. É possível perceber que os conteúdos dos livros não começam após o sumário e sim nas capas, pois elas instigam a curiosidade dos alunos com as paisagens presentes nelas.

O sumário encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte trata exclusivamente da BNCC, uma vez que os livros didáticos foram planejados com base nesse documento. Essa primeira parte do sumário divide-se em tópicos: introdução, a qual relata sobre o que é a BNCC, a coleção e o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, as práticas de linguagem e a organização da coleção, orientações específicas, tutoriais – material digital, a BNCC –

competências e habilidades; em seguida, de maneira breve apresenta-se um exemplo de como os livros estão organizados, no caso por seções e atividades.

Na segunda parte do sumário, encontram-se os 8 capítulos trabalhados nos livros, sendo que cada parte possui um título, mostrando quais serão os conteúdos a serem discutidos no decorrer de cada seção. No final de cada livro, encontram-se as referências bibliográficas utilizadas. Abaixo as figuras do sumário apresentando a BNCC dos livros do 6º e 9º ano do manual do professor.

Figura 2 – Sumário do 6º e 9º ano.

Sumário		Sumário	
Introdução	IV	Orientações específicas	XIX
A coleção e o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa	V	Introdução	XIX
A BNCC e a coleção	V	Primeiro bimestre	XIX
Linguagem como objeto de ensino	V	Material digital	XIX
Princípios teórico-metodológicos gerais	V	Respostas de produção de texto escrito	XIX
As práticas de linguagem e a organização da coleção	IX	Segundo bimestre	XIX
Letramento	IX	Material digital	XIX
Produção de textos	IX	Respostas de produção de texto escrito	XIX
Oralidade	XV	Terceiro bimestre	XIX
Análise linguística/semiótica	XV	Material digital	XIX
Área de Linguagem – Arte	XIX	Respostas de produção de texto escrito	XIX
Gêneros digitais	XIX	Quarto bimestre	XIX
Investigação científica	XIX	Material digital	XIX
Avaliação	XIX	Respostas de produção de texto escrito	XIX
1. Escrita de textos – domínio dos conteúdos	XIX	Quinto bimestre	XIX
2. Escrita de textos – compreensão de informações	XIX	Material digital	XIX
3. Escrita de textos – produção	XIX	Respostas de produção de texto escrito	XIX
4. Escrita de textos – compreensão de ideias	XIX	Sexto bimestre	XIX
5. Escrita de produção de textos – texto argumentativo	XIX	Material digital	XIX
6. Escrita de produção de textos – argumentação oral	XIX	Respostas de produção de texto escrito	XIX
Grande retórica ao uso da língua	XIX	Sétimo bimestre	XIX
Material digital	XIX	Material digital	XIX
Seções e boxes da coleção	XIX	Respostas de produção de texto escrito	XIX
Comentários gerais	XIX	Oitavo bimestre	XIX
		Material digital	XIX
		Respostas de produção de texto escrito	XIX
		Nono bimestre	XIX
		Material digital	XIX
		Respostas de produção de texto escrito	XIX
		Décimo bimestre	XIX
		Material digital	XIX
		Respostas de produção de texto escrito	XIX
		Referências	XX
		Sugestões de leitura	XX

Fonte: Autoria Própria.

Essas seções foram estruturadas de forma a colaborar com o professor ao ministrar suas aulas, tendo como base o que está no documento como, por exemplo, na parte da análise de linguagem/semiose, que sugere modos de abordagem para a variação linguística e os aspectos que englobam o assunto.

4.3 Procedimentos de análise

Identificados os volumes, passou-se à leitura dos capítulos dos manuais para recorte capítulos em que estavam contidos conteúdos e atividades relacionados à variação linguística. Cada volume é composto por 8 unidades, no livro do 6º, foram encontradas 90 atividades; e no 9º ano foram 79 exercícios ao todo. Entretanto, somente três capítulos do primeiro volume trataram da variação, já no segundo, apenas o capítulo 1 abordou o conteúdo, somando as atividades dos 4 capítulos, foram analisadas 31 atividades no total.

Tabela 1 – Tabela das atividades total e analisadas.

Livro do 6º ano	Livro do 9º ano
8 capítulos no total	8 capítulos no total
3 capítulos analisados	1 capítulo analisado
90 atividades no total	79 atividades no total
19 atividades analisadas	12 atividades analisadas

Fonte: Autoria Própria.

Após essa etapa, foram realizadas análises descritivas desses conteúdos, considerando os aspectos da variação linguística privilegiados nas unidades. Em concomitância, foram identificados os exercícios que trabalham com a variação e, por fim, identificados os tipos de variação linguística abordados nessas tarefas a partir da classificação de Coelho et al (2010), além da indicação da dimensão da variação em que se encaixava Cesário e Votre (2013), conforme exposto no quadro a seguir:

Tabela 2 – Níveis Linguísticos/Extralinguísticos.

Dimensão	Tipos de variação
Internal	Lexical Fonológica Morfológica Sintática
Externa	Regional – diatópica Social - diastrática Estilística – diafásica Fala e escrita – diamésica

Fonte: Autoria Própria.

Embora se adote essas dimensões e os tipos relacionados a elas, não significa dizer que a variação não ocorra de forma dialética entre as dimensões internas e externas. Essas categorias são adotadas aqui e indicadas na análise na medida em que os conteúdos e as atividades se refiram aos aspectos internos da língua e aos aspectos sociais que definem o tipo de variação abordada, de forma congruente ou somente a um ou a outro sem estabelecer interrelação entre o sistema linguístico e o aspecto social da língua.

5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Esgotada a apresentação do *corpus*, dos procedimentos e categorias adotados, nesta seção, apresentamos a análise implementada nos dois volumes do manual do professor no que diz respeito à abordagem dedicada à variação linguística conforme as categorias analíticas ilustradas no quadro apresentado ao final da seção metodológica. Esta seção parte da apresentação da

variação como tópico de ensino e se desdobra nos tipos de variação abordados nos livros em suas especificidades de tratamento.

5.1 A Variação linguística como tópico de ensino

A análise do livro do 6º ano revelou que, já no primeiro capítulo, há uma preocupação em estabelecer o foco no uso da língua e a sua função comunicativa. No final da página 37, é comentando a respeito do que é a língua, como ela varia e quais os tipos dessa diversidade. No capítulo 2, a partir da abordagem do verbete, nota-se que há ainda preocupação com o tópico sobre variação. Assim, os capítulos 1 e 2 parecem se configurar como capítulos de ambientação para a variação linguística, a qual é tratada mais diretamente na página 63.

A análise do livro do 9º ano mostra que o tratamento da variação linguística já figura no capítulo 1, com o tema “Poema-Protesto: a voz em ação”. A abordagem se debruça sobre a diferença entre o português brasileiro e o português de Portugal a partir da história da língua portuguesa. Essa discussão dá ensejo para a apresentação da variação geográfica, social e histórica.

5.2 Variação Social

Um espaço considerável é dedicado ao tratamento da gíria nos dois manuais. Nas páginas 63 a 65 do livro do 6º ano, fala-se sobre o que é a variação e as suas variedades. Nas páginas 65 e 66, comenta-se de forma breve sobre a questão do preconceito linguístico. As questões presentes nos textos tratam sobre a variação linguística, o que inclui também as gírias, pois, dependendo das gírias usadas, é possível indicar a qual cidade ou região um determinado indivíduo pertence.

Na página 67 da mesma obra, na segunda questão da atividade, há um texto retirado do filme “Tá dando onda”, no qual acontece um diálogo entre dois amigos surfistas, em que predominam alguns termos usados por esse grupo. Nas questões seguintes, somente as alternativas c) e d) perguntam a respeito dessas gírias. Na terceira questão, apresenta um texto com gírias usadas nos anos 70, mostrando os jargões que caíram em desuso.

Figura 3 – Variação diastrática: gírias’.

2 A animação *Tá dando onda* conta a história do pinguim Cadu, que deixa a Antártida para participar de um torneio de surfe em busca de fama. A seguir, você vai ler a transcrição de um trecho da animação em que Cadu, após se arriscar em uma onda enorme, é resgatado, recebe autorização para participar do torneio e conhece João Frango, que se tornará um grande amigo. Leia o diálogo, prestando atenção à linguagem utilizada pelos personagens.

.....

João Frango: Te pegamos, te pegamos. Tu é mais pesado que boi na ladeira, hein? U-hu! Nada como trabalho em equipe. Prazer! João Frango, brou!

Cadu: Valeu, João.

[...]

Cadu: Meu nome é Cadu Maverick, do Frio de Janeiro. E tu?

João Frango: Não. Não sou do Frio de Janeiro, não.

Cadu: Ah... Tu é de onde?

João Frango: Eu sou do Pantanal Mato-grossense, lá do Brasil. É lá que eu surfo. Eu era o único que surfava na região, e as pessoas me achavam meio doido, mas eu me acostumei.

Cadu: Eu sei como é isso, cara.

João Frango: Sabe?

Cadu: Sei.

João Frango: Irado!

(João Frango é arremessado ao alto por uma onda)

João Frango: U-hu-hu! Mô visual, maninho!

[...]

Tá dando onda. Direção: Chris Buck e Ash Brannon. Columbia Pictures, Sony Pictures Animation. EUA, 2007. DVD (R5-mia).



Cena da animação *Tá dando onda*, direção de Chris Buck e Ash Brannon, EUA, 2007.

a) A amizade entre Cadu e João Frango nasce de uma experiência de vida que ambos tiveram. Qual? Ambos vieram de regiões em que o surfe não é praticado e, por isso, não eram bem aceitos pelas pessoas.

b) O nome "Frio de Janeiro" é uma brincadeira. Por que a palavra *Rio* foi trocada por *Frio*? A escola do tempo Frio tem a ver com as áreas de onde costumam vir os pinguins, geralmente frias.

c) A caracterização dos personagens como surfistas inclui o uso de muitas gírias utilizadas por esse grupo social. Transcreva exemplos usados para fazer referência ao interlocutor: "irado", "cara", "maninho".

d) Em que situações costuma ser empregada a expressão *u-hu*? Que outra palavra do texto tem o mesmo sentido dela? A expressão costuma ser usada em situações prazerosas e, nesse contexto, equivale a irado.

67

Fonte: Manual do docente, livro do 6º ano.

Somente alternativas c) e d) voltam-se para um tipo de variação linguística, as gírias, esses jargões são usados por diversos grupos sociais, mas são utilizados mais por adolescentes, cantores de rap e surfistas, que é o grupo mencionado na questão. As gírias mais utilizadas nessa questão são: U-Hu; Brou; Valeu; Cara; Irado; Mô- Visual, maninho. Essa é a linguagem que esses profissionais utilizam. Já na alternativa d) é questionado sobre uma das expressões usadas que é o U-Hu, que nesse contexto substitui da palavra “*maneiro*” ou “*irado*”, esta possui dois significados, o primeiro de raiva e o segundo de algo bom ou agradável, sendo esta segunda acepção a empregada no texto.

Ainda no livro do 6º ano, outro exercício que trata a respeito das gírias está na página 68, na qual três alternativas estão relacionadas ao jargão “*broto*”. A primeira alternativa pergunta sobre qual evento os jovens estavam participando. A segunda afirma que essa palavra é uma gíria e pergunta o seu significado, “*broto*” era uma expressão muito usada pelos jovens dos anos 60, esse linguajar está associado à beleza, ou seja, quando uma moça/rapaz era chamada de “*broto*” isso queria dizer que ele/ela era bonito/bonita.

Figura 4 – Variação diastrática: gírias.

1 Leia uma letra de canção que também usa a linguagem de um grupo social jovem. O texto, porém, foi escrito há bastante tempo, na década de 1960.

Broto legal

O que broto legal
Gostei funcional
Por um sucesso total
E abalou no festival
Eu logo que entrei
O broto focalizei
Ele olhou pra mim
E pra dançar logo fui
O broto então se revelou
Mostrou ser material
A turma toda aí parou
E no rock and roll não deu
demora um show

Paulo e broto pra cá
Virei o broto pra lá
A turma toda gritou
Rock and roll
E o rock continuou
[respeite a letra toda até aqui]
E o rock terminou
E o rock terminou

El. Semear, versão: Renato Russo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2006. 1.ª edição, 400 p.

Minidicionário Cultural
Procure na internet a expressão canção na voz de Celly Campello.

2 Leia um cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Glomar Luis Tachó, conhecido como Tachó.

Pop Norte 2000

CHORITE

Do cartumista brasileiro de piquetes, artista que viveu em duas décadas, o de um certo século e quarto, como sugerem os elementos do seu acervo e do texto.

A segunda metade do século no espaço e no tempo, bem como a compreensão do contexto.

As seguintes respostas:
a) Na região Nordeste, a) Bahia e o Nordeste.
b) Segundo as respostas, o problema do acervo é que, uma área desabitada e quente, o certo necessariamente, a segunda metade do século, mostra a ser em uma situação absurda.

3 O cartum chama a atenção do leitor para um importante problema de humanidade. Qual? **O aquecimento global.**

Para falar sobre o tema, o cartunista associa duas imagens que costumam contrastar. Explique esse contraste.

Que importância tem a legenda *Pop Norte 2000*, no canto superior esquerdo do cartum?

Que sentido a palavra *chorite* exprime nesse contexto?

Em que região do Brasil essa palavra costuma ser usada?

O uso dessa palavra por um pinguim reflete o contraste entre a situação que ele está vivendo e a que deveria viver ou afirma a possibilidade de fácil adaptação à nova situação?

DEBATE DECORRE Nesta atividade, você vai produzir um parágrafo de análise do cartum. Em seu caderno, copie e complete o texto a seguir.

O cartum de Tachó chama a atenção do leitor para [] Para fazer isso, ele mostra o Polo Norte transformado em [], que lembra []. A fala "Chorite", de um dos pinguins da cena, é típica de [] e produz humor porque [].

O cartum faz uma relação entre os pinguins do Polo Norte. Por que essa relação não é correta?

Procure na internet a expressão canção na voz de Celly Campello.

Fonte: Manual do docente, livro do 6º ano.

A terceira opção faz uma relação entre a música e a gíria, sendo que, na música, a palavra “broto” é direcionada a uma moça que, de acordo com o contexto da música, é jovem, bonita e que, por possuir essas qualidades, chama a atenção. Já a palavra “broto”, no seu sentido denotativo, significa o nascimento de uma planta, de acordo com Rios (2010), no minidicionário escolar de língua portuguesa, é um substantivo masculino e que possui 4 significados, o primeiro é a palavra no seu sentido real, quer dizer é um ato ou efeito de brotar, o segundo pode ser chamado de rebento que também de acordo com o minidicionário a sua definição é de nova haste que sai da raiz de uma planta e goma, o terceiro conceito está relacionado ao jargão “brotinho” ou “mocinha”, o quarto e último sentido é de namorados.

Então, respondendo à pergunta, a música e a gíria no seu sentido real possui uma relação. Por fim, a última pergunta confirma a segunda alternativa de que essa linguagem já foi bastante usada, porém hoje ela foi substituída por outros jargões. Nesse caso, a palavra que pode ser usada é “novinha” ou “crush”, palavra que vem do inglês e que virou moda entre os jovens e adolescentes. Percebemos, então, que as gírias mudam com o tempo, conforme as novas gerações vão surgindo novos jargões vão sendo criados.

Passando para análise do livro do 9º ano, na página 38 do livro do 9º ano, as questões 4 e 5, assim como no livro do 6º ano, discorrem sobre as gírias e como diversificam-se de acordo com as possíveis regiões. Abaixo, encontram-se as imagens referentes às questões citadas e suas alternativas.

Figura 5 – Variação diastrática: gírias.

4 Leia uma tirinha do Urbanoide, criado pelo quadrinista paulista Diogo Salles. Esse personagem emprega gírias típicas de alguns grupos urbanos, principalmente da cidade de São Paulo.

Urbanoide

VÉIO, TÔ SEGUINDO VÁRIAS CELEBRIDADE NO TWITTER.

Diogo Salles

DIZEM QUE É TUDO "FAKE"...

MAS TUDO BEM, EU TAMBÉM SOU "FAKE", TÁ LIGADO?

Fala aí!

Em diversas redes sociais, as pessoas expõem informações de sua vida pessoal. Em sua opinião, qual é o risco disso?

4b. Há duas leituras possíveis. Urbanoide pode estar se referindo ao fato de ser um personagem de ficção, portanto não real; ou estar sugerindo que tem um perfil falso na Internet.

4c. "Véio"; "tá ligado".

As gírias são palavras, expressões ou orações que pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, geralmente jovens, como os esquetistas ou os "funkeiros".

4a. O personagem se refere a perfis falsos da internet, isto é, criados de forma indevida em redes sociais, para se passar por uma pessoa famosa, mas que não foram criados por ela.

38

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Nesse exercício, as alternativas que falam sobre a variação linguística são a letra b) e c). A letra b) trata sobre a questão do estrangeirismo, que será discutido mais adiante no artigo.

A letra c) pergunta quais as gírias usadas pelo urbanoide, que foram: "tá ligado" e "véio". Esse tipo de linguagem passou a identificar os Paulistas e se espalhou pelo Brasil, porém o grupo que faz uso desses jargões é o mesmo em qualquer cidade: os adolescentes.

Coelho et al (2010) fala a respeito desses jargões que são estigmatizados, ou seja, não são considerados padrões por se tratar de uma linguagem informal. Em alguns casos, esse preconceito tem a ver com o grupo social que faz uso dessa linguagem.

Figura 6 – Variação diastrática: gírias.

1 Leia esta tira produzida pelo cartunista paraibano Paulo Moreira.

A língua não muda

É muito provável que existam migrantes na região em que você mora, isto é, pessoas que tenham nascido e vivido em um local do país e, depois, se mudado para outra região. Em grupos, entrevistem uma dessas pessoas e perguntem quais palavras usadas por vocês não são comuns na região de origem dela e como ela falava caso estivesse lá. Anote essas palavras e depois as apresentem à turma.

Chama-se **adjetivo de dois gêneros** aquele que tem formas masculina e feminina são idênticas.

26 B, N.E., infm. Que atrai (diz-se de pessoa); muito bom

27 B.A, MG, infm. muito bom ou especial; bacana, excelente

Além dos significados da palavra e de sua classe gramatical, que outras informações o dicionário apresenta?

c) Que gíria o personagem emprega para nomear seu interlocutor? Que gíria usou o personagem de Diogo Salles (tinha da questão 4) com a mesma função?

d) Assim como o personagem de Diogo Salles, o de Paulo Moreira também emprega a expressão "tá ligado?". Qual grupo social costuma usar essa expressão? O grupo dos adolescentes e jovens.

e) Com base nas tirinhas, é correto afirmar que um jovem paraibano e um jovem paulista não compartilham gírias, compartilham parte das gírias ou empregam as mesmas gírias?

[B] Brasil

[N.E.] Nordeste

[infm.] informal

[MG] Minas Gerais

[BA] Bahia

39

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Nessa atividade, as duas primeiras questões não estão voltadas para a variação linguística, somente as três últimas tratam das gírias. As letras c) e d) fazem uma relação entre os jargões usados na 4ª e na 5ª questão. Na tirinha, a palavra usada para dirigir-se ao interlocutor é “*doido*”, já na quarta questão a palavra usada com o mesmo intuito da quinta foi “*véio*”. Na letra d), pergunta que grupo social usa esse tipo de jargão. No caso, são os adolescentes, já que esse tipo de linguagem é mais comum entre jovens. O último questionamento pergunta como é o compartilhamento dessas gírias entre os Paraibanos e Paulistas. Ambos fazem o uso dos mesmos jargões talvez por serem adolescentes.

Esses quatro exercícios abordam uma das facetas da Sociolinguística, que é a variação diastrática ou social, ou seja, as gírias são linguagens usadas por um determinado grupo, nesse caso, o dos jovens. Esses jargões estão relacionados à idade e tem a ver também com a mudança do tempo, pois, como se pode perceber na segunda imagem, as gírias que eram populares entre os jovens na década de 60, hoje não são mais faladas. Já os jargões usados nas três outras imagens ainda são usados pelos adolescentes na atualidade.

5.3 Variação regional

No capítulo 2 do livro do 6º ano, na quarta questão, é mostrado um cartum em que se encontram dois pinguins. Um deles, usa a expressão, “*oxente*”, termo que é reconhecido como marca regional comum na fala do Nordeste. Entre as propostas de exercício da atividade, as letras d) e e) tratam, especificamente, a respeito desse jargão. No final do capítulo, na quinta questão, é comentado sobre as marcas na fala que apontam para o reconhecimento de identidade entre o falante e sua região. As alternativas seguintes são voltadas para essa variação. A seguir será mostrada a figura do texto do exercício da página 69.

Figura 7 – Variação regional: nordeste.

4 Leia um cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho.



a) O cartum chama a atenção do leitor para um importante problema da humanidade. Qual? **O aquecimento global.**

b) Para falar sobre o tema, o cartunista associou duas imagens que costumam contrastar. Explique essa oposição.

c) Que importância tem a legenda *Polo Norte 2100*, no canto superior esquerdo do cartum?

d) Que sentido a palavra *oxente* exprime nesse contexto?

e) Em que região do Brasil essa palavra costuma ser usada?

f) O uso dessa palavra por um pinguim reforça o contraste entre a situação que ele está vivendo e a que deveria viver ou afirma a possibilidade de fácil adaptação à nova situação?

g) DESAFIO DE ESCRITA. Nesta atividade, você vai produzir um parágrafo de análise do cartum. Em seu caderno, copie e complete o texto a seguir.

O cartum de Tacho chama a atenção do leitor para []. Para fazer isso, ele mostra o Polo Norte transformado em [], que lembra []. A fala "Oxente", de um dos pinguins da cena, é típica da [] e produz humor porque [].

4b. O cartunista associou os pinguins, animais que vivem em áreas geladas, a um ambiente seco e quente, como sugerem os desenhos do sol escaldante e do cacto.

4c. A legenda localiza a cena no espaço e no tempo, favorecendo a compreensão do contexto.

4d. Surpresa, espanto.

4e. Na região Nordeste.

4f. Reforça o contraste.

4g. Sugestão de resposta: o problema do aquecimento global; uma área desértica e quente; o sertão nordestino; variedade linguística nordestina; mostra a ave em uma situação anômala.

Pesquise em ciências

O cartum faz uma relação entre os pinguins e o Polo Norte. Por que essa relação não é correta?

Porque os pinguins concentram-se no hemisfério sul; eles não vivem no Polo Norte. **69**

Fonte: Manual do docente, livro do 6º ano.

O texto da página 73 do livro do 9º ano apresenta também a variação regional na fala dos Nordestinos, as perguntas a seguir tratam exatamente sobre isso. Depois, será representada a figura da atividade da página 73, 74, 75 e 76 e com as suas respectivas questões.

As alternativas d) e e) estão voltadas para a variação regional. Na letra d), faz a relação entre a palavra e a imagem, o sentido que essa gíria possui no contexto é de susto, pois, como eles são de um ambiente frio e estão em um clima quente, essa imagem compara o polo Norte com o sertão nordestino, pois, no local onde eles se encontram, tem um cacto, o sol e os ossos de animais mortos pelo calor. Esse cartum é um alerta à população de que, se continuar o desmatamento, as geleiras irão derreter por causa do aquecimento global.

Figura 8 – Variação regional: formação das palavras nordestinas.

[illegible]

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Nesse exercício, trata-se exclusivamente da linguagem usada pelos Pernambucanos, das marcas na oralidade como o “*oxe*”, que surgiu das palavras “*ô gente*”, que evoluiu para “*oxente*” e reduziu para “*oxe*”. Durante a leitura do texto, é possível perceber que a autora não tem vergonha de seu sotaque, pelo contrário sente orgulho. O tema referente à oralidade dos Nordestinos é tratado na terceira questão, contudo, somente a partir da alternativa c) trata da variação linguísticas.

Figura 9 – Variação regional: nordeste.

3 Conhaça agora um poema do escritor cearense Patativa do Assaré.

10 O *boi zebu* e as *formigas*

15 Um boi zebu certa vez molatou-se de um, que zebu o que ele foi? Temendo o calor do sol, estendeu de demora e uma minutos colidui na sombra de um jacuato que havia dentro da mata. E firmou-se quatro patas em riba de um formigueiro.

20 Já se sabe que a formiga sempre a sua obrigação. Uma com outra não briga vive em perfeita união, paciente, trabalhando, mas frita carregando, um grande exemplo revela nalgue seu vai e vem. E não mente com ninguém se ninguém menta com elas.

25 Por isto com a chugada doque grande animai, todas ficaram rangidas, começaram a se assabir. E ficaram se molatando, não puzas do boi rubidão, constantemente a subiu. Mas não devagi andou, que não poderia não dava pra ele nada sentiu.

30 Mas possem como a formiga em todo canto se soca, dos casco até na barriga começa a *feirica*.

35 E no corpo se espalando, o zebu foi se rangendo, e o casaco se chib horta. Mas possem não molatou, quanto mais coice ele dava mais formiga aparecia.

40 [...] Com o lombo todo ardendo doque grande aperto, o zebu saiu correndo fungando e berrando fôto.

45 E as formiguinhas ino-cente mostraram pra toda gente esta lição de moral: contra a falta de respeito cada um tem seu direito até nas loi natas.

50 As formigas a defendêi sua casa, o formigueiro, botando o boi pra corêi da sombra do jacuato, mostraram nessa lição quanto pode a união. Neste mata possem novo o boi zebu queixi dixi que é do mundo do podêi, e estas formigas é o povo.

55 O poema do Patativa do Assaré lembra bastante uma fábula. Quais são os elementos comuns entre esse tipo de gênero textual?

60 Esse texto é um exemplo de poema místico, um gênero criado com marcas de duas variedades linguísticas. Uma delas está ligada a um tema histórico, porque o poema procura ensinar um mais antigo das línguas. Qual seria o outro fator determinante das formas usadas neste poema?

65 A forma de escrever algumas palavras nesse poema não está de acordo com o que se registra nos dicionários. Anote quatro exemplos e a forma indicada pela convenção ortográfica.

70 Em sua opinião, qual é o objetivo do poeta com as alterações de ortografia? *Assume o papel*

75 Reflexo.

80 "Mas não devagi andou" (verso 28)

Quem fez a ação (verbo)? Qual seria a forma de fazer a concordância de verbo com quem esteja regido o nome "boi zebu"?

85 Quando a concordância, o que se observa em "E firmou-se quatro patas" (verso 30)?

90 Que motivo poderia explicar a maneira como é feita a concordância nas frases analisadas nos versos 8 e 9?

95 Leia o seguinte texto, divulgado em uma revista de curiosidades de fenômenos naturalmente que podem ocorrer.

Isso aqui não é bômba

Alfred Muhlman, 14 anos, é um menino gêmeo um trabalho escolar, nos Estados Unidos, e acabou preso. Tudo porque o colégio soube que ele trouxe a bomba (o poema, claro, Alfred é magalhães).

O mais grave crime cometido por ele e mesmo foi deixar a bomba real, comprando um rádio acústico até por Paulo Chama.

Revista Ciência Hoje, março de 1976, p. 130, 1995.

100 Os dois textos são de gêneros diferentes. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

105 O texto "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

110 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

115 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

120 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

125 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

130 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

135 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

140 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

145 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

150 O poema "Isso aqui não é bômba" é um texto de gênero diferente. Qual o gênero de cada um? Qual o assunto de cada um? Qual o objetivo de cada um?

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Nessa atividade, somente a alternativa c) trata da variação linguística que está diretamente ligada ao fator histórico, o nível linguístico é o externo, pois a variação presente no texto é a regional, voltada para a fala dos nordestinos. As outras alternativas tratam sobre a ortografia das palavras e sobre as concordâncias nominal e verbal em algumas frases destacadas do texto, que também fazem parte da variação linguística.

As outras alternativas perguntam sobre os elementos no texto que podem-se comparar com uma fábula, pergunta qual a mensagem que o texto pretendeu passar para o leitor, se as palavras escritas no texto estão de acordo com a ortografia encontradas nos dicionários e trata sobre a concordância verbal em algumas sentenças, isso também está dentro da variação linguística.

Essas três atividades estão associadas à variação regional ou diatópica, uma vez que essa variação nesses exercícios está voltada sempre para a fala dos nordestinos, que também aparece como tópico de ensino no livro do 6º ano, cujo, capítulo 2, na página 70, trata a da variação regional e fonológica, apresentando diferenças entre a fala do paulista e do carioca, como se pode observar a seguir:

Figura 10 – Atividades sobre variações diatópicas e fonológicas.

5 Leia uma tirinha do Urbanoide (rapaz de barbicha). Essa tira evidencia a variação regional do português usado no Brasil ao brincar com as diferenças entre as linguagens empregadas por paulistanos e cariocas.

Urbanoide

Diogo Salles

a) Por que a palavra paulista foi escrita com x ("paulixta") e não com s?

b) Por que essa forma de escrever a palavra paulista é fundamental para que o leitor entenda a tira?

c) Que outras palavras usadas pelo mesmo falante também marcam a variedade regional da cidade do Rio de Janeiro?

d) Além da língua, que outro aspecto cultural é citado para diferenciar os moradores das duas regiões?

e) As tiras do Urbanoide são publicadas em jornais da cidade de São Paulo. Que diferença haveria se essa tira circulasse em um jornal carioca? Nesse caso, algumas marcas típicas da linguagem paulistana é que seriam imitadas.

5a. É uma tentativa de reproduzir a forma como os cariocas pronunciam a letra s (quando não é seguida por vogal). Passaria aos alunos que os cariocas costumam chamar os paulistanos de "pauistas".

5b. A imitação da pronúncia é um dos principais recursos para o reconhecimento da origem do personagem carioca e, consequentemente, para o estabelecimento do contraste entre ele e o paulistano.

5c. "Mermão", uma junção de meu + irmão, e "ai", vocábulo usado por falantes cariocas para chamar a atenção de alguém.

5d. Os hábitos alimentares: cariocas estranham o hábito paulistano de pôr purê de batata no hot dog, enquanto os paulistanos estranham o dos cariocas de colocar catchup na pizza.

Fonte: Manual do docente, 6º ano.

Todas as alternativas dessa questão são direcionadas às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. As três primeiras alternativas estão ligadas à palavra "paulista", de modo que a marca fonológica da fala de um dos personagens ocorre pelo uso da fricativa velar desvozeada "x", para marcar o chiado nos contextos em que a escrita apresenta "s", caracterizando a diferença de pronúncia de som entre paulistas e cariocas. Os aspectos fonéticos que são marcantes no sotaque carioca são as particularidades de pronúncia do fonema "s", exemplo disso, são as palavras casca ['kafkɐ]; rasga ['fiaʒgɐ], e o uso de "r" em determinados contextos, como em "mermão".

Outra forma de diferenciá-los é a referência à tradição alimentar, pois, os cariocas não

colocam purê no hot dog e os paulistanos sim, por outro lado, os paulistas não colocam ketchup na pizza e os cariocas sim. Com isso, demonstrando que cada cidade possui sua própria cultura, independente se fazem ou não parte da mesma região. A última alternativa pergunta qual seria a diferença na tira se trocassem os personagens de lugar, o que iria acontecer é que no lugar do “x” que existe na fala da população do Rio de Janeiro, não apareceria na fala de São Paulo, como por exemplo na palavra resto [‘hestu].

Esse exercício trata das variações diatópica e fonológica, pois as duas cidades fazem parte da mesma região, sudeste, entretanto, existe diferença na fala de ambas. Silva (2008) diz que a letra “s” é uma consoante fricativa, pois é pronunciada com o ápice da língua que encosta levemente atrás dos dentes, ocorrendo a passagem do ar pela boca, dessa forma classificando-a como desvozeada, essa passagem de ar é chamada pela autora de “egressiva”. Com isso, é possível entender o porque os moradores do Rio de Janeiro chamam ao oralizar palavras que contenham a letra “s”. Essa atividade trabalha com dois níveis linguísticos, o interno com a variação fonológica e o externo com a variação geográfica.

Pode-se dizer que devido ao fato destes dois níveis se correlacionarem, a resultante é justamente a afirmação de que as variações não ocorrem de forma isolada, quando um nível aparece, logo em seguida surge algum outro tipo de variante, que pode ser interno ou externo.

Na análise do livro do 9º ano, no capítulo 3, a questão 4 da página 106, também utiliza a linguagem Nordestina e nenhuma das alternativas trata dessas palavras. Na página 128 em uma entrevista com Ziraldo e Maurício de Souza é possível encontrar algumas marcas de variação, mas as questões não trabalham diretamente isso, mais sim o uso da linguagem informal, que também é um aspecto da variação linguística; na página 274, na questão 6, em uma entrevista do apresentador da emissora SBT, Danilo Gentili e sua entrevistada Thalita Rebouças trazem poucas marcas da variação linguística em um momento na fala do entrevistador, mas em nenhuma as alternativas voltam-se para essa questão. Abaixo as figuras da atividade da entrevista com Danilo Gentili.

Figura 11 – Entrevista.

274

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Embora haja algumas marcas da linguagem dos jovens que fazem parte da variação diamésica como: e aí, meu; plugadão; interligado; tiazona; pô; tal, as questões da atividade tratam a respeito dos tempos verbais, do comportamento da entrevistada e como se define, pergunta sobre os pronomes usados em algumas sentenças e sobre a tese que a convidada defende durante a entrevista.

5.4 Formalidade X Informalidade e Preconceito Linguístico

A partir da página 90, no capítulo 3, do livro do 6º ano, aborda-se a diferença entre a fala e a escrita, na qual é explicado que oralizar não é o mesmo que escrever um texto, relata a respeito das marcas da fala, para um melhor entendimento, demonstra-se isso de forma mais enfática na página 93, onde encontra-se um quadro apresentando 3 partes. A primeira é a respeito da língua informal na fala e na escrita, a segunda está relacionada a mais ou menos formal e o último é sobre a questão formal. A página 98 discorre a respeito da variação fonética e fonológica não explicitamente, no entanto, trata dos fonemas e da semelhança entre as palavras. A seguir é representada a figura do quadro.

Figura 12 – Características da fala e da escrita.

Observe alguns exemplos de uso da língua falada e da língua escrita na tabela a seguir e reflita sobre suas diferenças e semelhanças.

	Língua falada	Língua escrita
Informal	Bate-papo presencial	Troca de mensagens entre amigos pelo celular
	• Troca rápida dos papéis de falante e de ouvinte • Fala produzida no momento da conversa, sem planejamento • Uso descontraído da língua	• Troca rápida dos papéis de quem envia e de quem recebe as mensagens • Planejamento rápido • Uso descontraído da língua
Mais ou menos formal	Entrevista com personalidade da política	Letra de música popular
	• Troca constante dos papéis de falante e de ouvinte • Fala produzida no momento da conversa, sem planejamento • Uso monitorado da língua	• Produção do texto sem interação com o leitor/ouvinte • Planejamento longo • Uso descontraído da língua
Formal	Palestra para profissionais da saúde	Reportagem sobre economia
	• Texto produzido pelo palestrante sem interrupção • Fala produzida no momento da interação, com planejamento anterior • Uso monitorado da língua	• Texto produzido sem interação com o leitor • Planejamento longo • Uso monitorado da língua

Fonte: Manual do docente, livro do 6º ano.

Esse quadro representa um dos aspectos da relação entre fala e escrita tratados em Sociolinguística. Nele observa-se que tanto a fala quanto a escrita pode variar de acordo com a situação, logo as duas tem suas peculiaridades de realização e de escolhas atreladas ao nível de planejamento e de monitoramento, ou seja, quanto mais planejada e monitorada for a situação de fala e escrita, mais formal será o comportamento linguístico do falante; quanto menos planejada

e monitorada, menor será o nível de formalidade das manifestações linguísticas. Perini (2005) fala a respeito disso, afirmando que dependendo do contexto em que o indivíduo encontra-se, essa variedade coloquial ou o que ele chama de conjunto de variedades “coloquiais” é usada na fala; já a variedade padrão é própria da escrita.

Essa questão de formal e informal faz parte da variação diamésica. Em relação a esse tipo de variação, Coelho et al (2010, p.83-84) diz:

Podemos dizer que, salvo em situações excepcionais, como o proferimento de uma palestra, por exemplo, a produção de um texto falado é uma atividade *espontânea, improvisada e suscetível a variação* nos mais diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade *artificial* (não espontânea), ensaiada (no sentido de que reserva tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco *menos variável*, pois em geral está mais vinculada a produção de gêneros sobre os quais há mais regras e maior monitoramento.

A fala muda de acordo com o contexto em que o indivíduo se encontra, por exemplo, a linguagem usada em casa com os pais não é a mesma usada em uma apresentação de trabalho na Universidade, pois, no primeiro caso, a linguagem utilizada é menos monitorada e, no segundo, é um pouco mais monitorada, ou seja, a linguagem usada será um pouco mais próxima da norma padrão culta, por se tratar de uma situação que exige esse nível de linguagem. Perini (2005, p.24), afirma que:

As diferentes variedades da língua são utilizadas em situações razoavelmente bem definidas. Assim, qualquer pessoa modifica sua maneira de falar conforme esteja discutindo no bar com os amigos, ou respondendo a uma entrevista para obter emprego.

No capítulo 2 do livro do 9º ano, na página 69, cujo título é “*adequação e preconceito linguístico*”, relata-se o que é o preconceito linguístico e como ele ocorre. Assim como na figura anterior, também relata sobre os níveis de linguagens, linguagem formal e informal. Essas duas questões mostram que é necessário que os nativos da Língua Portuguesa conheçam as normas que regem seu idioma, porém o fato de existir diversidades na fala desses indivíduos não significa que eles não saibam sua língua. Esse é um dos mitos citados por Bagno (2007), de que para saber escrever e falar bem é preciso saber as normas gramaticais, ou seja, as variações são suprimidas e quando uma certa comunidade faz uso dessas heterogeneidades sofre com o preconceito social baseado na linguagem.

Mollica (2004, p.13) afirma:

[...] o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, uma vez que se nota ainda a predominância de práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, que tomam como referência o padrão culto.

Para a autora a Sociolinguística veio para quebrar esse preconceito e desmistificar conceito de certo e errado, pois, a nossa língua não é homogênea, sendo composta por variações. Segundo Bagno (2007a, p. 38):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente.

Como pode-se compreender é papel do docente junto com o corpo escolar instruir seus estudantes sobre os fenômenos linguísticos existentes, como forma de evitar esse tipo de preconceito dentro e fora de sala de aula.

5.5 Variação Lexical

Na página 36, ainda no livro do 9º ano, O capítulo 1 discorre a respeito das línguas tupi-guarani e quimbundo e a atividade trata da variação lexical da palavra macaxeira. Abaixo encontra-se a imagem da página 36 e, em seguida, as alternativas da questão que fazem referência à variação:

Figura 13 – Variação lexical.

2 Veja esta lista de ingredientes para a preparação de um bolo.

Bolo de macaxeira – mandioca ou aipim

Ingredientes

- 1 kg de macaxeira (mandioca, aipim)
- 2 xícaras (chá) de leite de coco
- ½ xícara (chá) de água
- 2 ½ xícaras (chá) de açúcar (se gostar desse bolo bem docinho use até 3 xícaras)
- 1 colher (sopa) de manteiga derretida
- 2 ovos

Disponível em: <<http://gshow.globo.com/receitas-gshow/receita/bolo-de-macaxeira-mandioca-ou-aipim-5068acd64d3885095d000045.html>>.
Acesso em: 6 set. 2018.



2a. A precisão aparece na indicação exata dos ingredientes e de sua quantidade.

2b. Não. Os três nomes referem-se ao mesmo alimento: o nome mandioca é mais usado nas regiões Sul e Sudeste; aipim, no Rio de Janeiro; e macaxeira, nas regiões Norte e Nordeste.

2c. Ao citar os termos macaxeira, mandioca e aipim, o site reconheceu que os brasileiros não falam de forma idêntica em todas as regiões.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fev. de 1998.

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Essa questão mostra como a mandioca é conhecida nas mais diversas regiões do país. A alternativa b) investiga se os estudantes possuem o conhecimento da variação lexical, já que aipim e mandioca são variações da palavra macaxeira. Já a letra c) investiga o aluno a refletir sobre o uso de termos em variação em sites em que se tem textos para públicos de diversas regiões.

5.6 Estrangeirismo

Na página 38 do livro do 9º ano, a tirinha do Urbanoide trata na questão 4, a letra b) discorre sobre o estrangeirismo, que está relacionado ao uso de palavras de outro idioma e que foram “*adotados*” pelos brasileiros, como, por exemplo, *fake* de origem inglesa que significa *falso*, que aqui no Brasil está sendo muito usado principalmente entre os jovens. Essa palavra ganhou visibilidade e destaque nas redes sociais, tornando-se natural entre os adolescentes.

Na página 40 do mesmo livro, ainda no capítulo 1, trata-se a respeito do estrangeirismo, todas as questões trabalhadas nas páginas 40 e 41 estão direcionadas para esse assunto.

Figura 14 – Estrangeirismo.

2 Observe este anúncio de um produtor de eventos.



a) Qual expressão do anúncio é um estrangeirismo? *Night run.*

b) Essa expressão tem um equivalente na língua portuguesa? Qual é ele? *Sim; night run significa "corrida noturna".*

c) Por que, embora havendo um correspondente na língua portuguesa, esse e outros produtores de eventos semelhantes optam pelo termo em inglês?

A presença de aparente propaganda na seção se justifica de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 15/2000, que diz que "o uso didático de imagens comerciais identificadas pode ser pertinente desde que faça parte de um contexto pedagógico mais amplo, conducente à apropriação crítica das múltiplas formas de linguagens presentes em nossa sociedade, submetido às determinações gerais da legislação nacional e às específicas da educação brasileira, com comparecimento módico e variado".

2c. Muitas vezes, o uso de um estrangeirismo confere ao evento algum traço subjetivo, como a ideia de algo moderno ou glamoroso.

Fonte: Manual do docente, livro do 9º ano.

Como é possível perceber, as três alternativas estão direcionadas ao estrangeirismo, a expressão usada é *night run*, que, em tradução livre para o português, corresponderia à *corrida noturna*. As palavras em inglês são utilizadas, com frequência, como slogan para chamar a atenção das pessoas, pois estimula a curiosidade dos clientes a visitarem o local para conhecer sobre o que se trata a propaganda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, buscou responder quais aspectos da variação linguística são privilegiados nesses livros didáticos e se o manual do professor dá condições para que o docente didatize a variação linguística a partir da realidade linguística da comunidade atendida. Para isso, foram analisadas as atividades que abordavam a variação linguística nos livros didáticos, depois identificados os principais tipos de variação linguística que foram tratadas nos livros didáticos, em seguida, apontadas quais abordagens da variação linguística eram implementadas nos livros didáticos.

Verificou-se, então, que os tipos de variações que as atividades apresentaram durante

as análises foram: variação diastrática, diatópica, fonológica, diamésica e lexical, além do estrangeirismo. O nível linguístico que mais teve ênfase nos exercícios é o externo. Na análise da variação social, foram apresentadas as gírias, que tem relação com a questão geracional. Dada que a produtividade da linguagem é na juventude e o uso de gírias é muito comum entre os jovens, parece pertinente haver um trabalho didático acerca desse tipo de variação. Assim, mostrar que palavras que eram populares entre os jovens das décadas passadas não são mais usadas por essa nova geração faz com que os estudantes entendam que isso acontece porque a língua está sujeita à mudanças e em constante evolução, de modo que gírias que hoje são populares podem cair em desuso em um outro momento histórico.

A variação regional trouxe marcas da oralidade de duas regiões, Nordeste e Sudestes, apresentando as diferenças na oralidade dos Paulistanos e Cariocas, que, apesar de fazerem parte de uma mesma localidade, não falam da mesma maneira e isso fica evidente por meio dos traços fonéticos como o uso da chiante ‘s’ na fala dos cariocas. Embora não traga aspectos de variação relacionadas à região Norte, o tema pode ser abordado pelo professor a partir dos propostos no manual.

Esse tipo de variação também está relacionado à variação lexical, mostrando que, mesmo que falemos a mesma língua, ainda é possível ter formas diferentes nomeação que determinado objeto ou comida possui em cada região, marcando o caráter cultural que atravessa a língua.

A reflexão sobre os estrangeirismos, que são palavras originárias de outras línguas que o uso causou uma certa incorporação na língua portuguesa, principalmente entre os adolescentes, aponta para o fato de que as línguas são interrelacionadas, de modo que podem se influenciar, inclusive com a incorporação dos termos de uma língua em outra. Além disso, observou-se que os manuais apresentaram diversos tipos textuais como, charges, receita de bolo, slogan de propaganda, entrevista, fábula etc., o que é importante também na hora de ensinar, isso faz com que os alunos se familiarizem com esses gêneros textuais, percebendo que pode haver marcas da variação linguística em qualquer gênero textual.

O tratamento do nível de formalidade dá condições de pensar a adequação da língua a contextos diversos, de modo que os professores possam ensinar seus alunos a respeito de que contextos são adequados para a adoção da variedade padrão da língua e quais não o são.

Portanto, verificou-se que a forma como o conteúdo foi abordado nas atividades dão condições necessárias para os docentes conseguirem ministrar suas aulas, mostrando que existe mais de uma face no ensino de Língua Portuguesa além da gramática normativa, que também é essencial para os estudantes.

Nas análises das atividades, observou-se ainda que há, nesses manuais, uma tentativa de integração entre a norma culta e as demais variedades da língua, mostrando aspectos diversos da língua para além das regras gramaticais.

Trabalhar determinados assuntos não é uma missão muito fácil, exigindo bastante, tanto

do docente quanto dos estudantes. Portanto, falar de variação linguística não é algo tão simples, visto que, nos livros didáticos, os conteúdos trabalhados trataram apenas de duas regiões Nordeste e Sudeste, sendo que esses dois lugares não condizem com a realidade dos alunos da nossa região, norte e, por conta disso, os estudantes passam a não se sentirem representados. É importante que o docente adapte essas atividades que são trabalhadas nos livros para a realidade dos estudantes, pois a variação linguística é um fenômeno que precisa ser compreendido, por ser inerente à língua.

Deste modo, sugere-se aos professores da área para que nas suas aulas tratem sobre a variação linguística, utilizando outros recursos para além do livro didático como vídeos, minicursos, filmes referentes à diversas regiões de nosso país, envolvendo costumes e culturas, pois, deste modo, é totalmente possível instigar a curiosidade dos estudantes a respeito da sua própria língua.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico — o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: LOYOLA, 2007a. 176 p. ISBN 85-15-01889-6.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007b. 231 p. ISBN 9788588456624.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ensino Fundamental Anos Finais. Brasília: MEC, 2017.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2 ed – São Paulo: Contexto, 2011a.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 141- 155.

LEHMKUHL COELHO, Izete et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: [s. n.], 2010. 172 p. ISBN 978-85-61482-25-1.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem – Manual do Professor**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2018. (Coleção Se liga na língua).

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005. 388 p. ISBN 85-08-05550-1.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010. ISBN 978-85-7338-350-8.

SANTOS SOBRINHA, Cecília Souza; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. **A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula?** Ana-

grama, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 1-10, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2011.315537. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35537>. Acesso em: 24 fev. 2022.

STAHL ZILLES, Ana Maria; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. 320 p. ISBN 978-85-7934-100-7.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9 ed. 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008. ISBN 978-85-7244-357-9.